

MATAR DEUS FOI FÁCIL

Copyright © Fábrica de cânones, 2021

Matar Deus foi fácil © Deborah Brum, 2021

Editor

Eduardo Guimarães

Capa, projeto gráfico e diagramação

Luyse Costa

Revisão

Luiz Guilherme Sakai

Ilustrações

Flammarion Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

B893

Brum, Deborah

Matar Deus foi fácil / Deborah Brum -- São Paulo :
Fábrica de cânones, 2021.

ISBN 978-65-990753-6-0

1. Contos brasileiros 2. Ficção I. Título.

CDD 869,35

(Ana Paula Cechinel CRB-8/9062)

Fábrica de cânones

R. Professor Miguel Milano, 86, Vl. Mariana

CEP: 04012-010, São Paulo - SP - Brasil

Tel: (11) 98338-2314

@fabricadecanones

fabricadecanones.com.br

Deborah Brum

MATAR DEUS FOI FÁCIL

1ª Edição | São Paulo | 2021







POST-SCRIPTUM

Quem sou?

De onde venho?

Eu sou o Antonin Artaud

e basta dizê-lo

como sei dizê-lo,

imediatamente

vereis o meu corpo actual

voar em estilhaços

e em dois mil aspectos notórios

refazer

um novo corpo

onde nunca mais


podereis

esquecer-me.

ARTAUD, Antonin

Para Flávio, Pedro e Clara

AGRADECIMENTOS




Aos meus pais e avós, meus ancestrais, por me ensinar que a potência é o amor verdadeiro.

À minha irmã, por ser a parte mais doce de mim.


Ao Flávio, que me trouxe a um lugar de paz.

Aos filhos, Pedro e Clara, pelo renascimento.

Aos amigos, àqueles a quem eu digo “eu te amo”, simplesmente por estarmos juntos, vivos.



Às amigas do “Senta e Escreve”, pelo apoio, amizade, trocas de textos e amor.



A Luciana e Juliano, Geruza e Eduardo: professores e amigos que me enxergaram para além do que aparento, e que hoje habitam o meu espaço sagrado: meu corpo, meu texto.


SUMÁRIO



GÊNESIS 14

1. Eu sei que nossa história é feita por ossos 15
2. Somos concebidos num estupro 16
3. Há a primeira contração 17

CANTIGAS DE NINAR 20

1. Matar Deus foi fácil 21
 2. Uma boneca sem corpo 23
 3. Remendou-se com as agulhas e linhas das palavras 24
 4. Mamãe lagartixa 27
 5. Quando o irmão da menina nasceu 30
 6. Brincadeira de parto 31
 7. Ele murchou 32
 8. Tatu-bolinha 35
 9. A grande notícia 36
 10. Elas, as meninas dos ratos 38
 11. A professora vai se casar 41
 12. As palavras são mais do que sons 44
- 

13. A gente morre junto, papai?	46
14. Um terço entre as mão	47
15. Mamãe ouriço	50
16. O destino traçado por uma vagina	51
17. No vestiário	53
18. Comidas sem cor	56
19. O mapa no corpo	58
20. De pazes com a vida?	60

MORTES	62
---------------	-----------

A ruptura	63
Mulher e um canino	67
Grunhido	73
O que se esconde abaixo da pele	78
Bolinhas de sagu	82
Cinco paixões	83
O Bobo da Corte	85
Segredo	88
Enterros	90
Laudo	98
Enxame	103
Porque a vida é curta	104

Meia tonelada	106
Não estou de passagem	109

GÊNESIS

1 Eu sei que a nossa história é feita por ossos. No fêmur quebrado de um Homo Erectus, a constatação de que já éramos bípedes há mais de um milhão de anos. O osso cicatrizado revela que ele foi cuidado por um outro e que já vivia num núcleo, um ninho social. Todos à procura de um abrigo no ninho protetor da mediocridade, da mesmice.

Deve ser por isso que penso na vulgaridade da galinha, igual à nossa, ciscando lá, acolá, sem parar, remexendo a terra em busca de um resto. Mas, antes da vulgaridade da galinha, o Homem Neanderthal: quarenta mil anos atrás. Os cientistas sempre buscando o elo perdido, ciscando a terra em busca dos fósseis, nas vidas que jazem sobre camadas de terra, nossos ancestrais. E daqui alguns anos, com as galinhas extintas, um pé da galinha fossilizado estará num museu importante. *Fóssil de um pé de galinha, bicho extinto*. Não falarão sobre a mediocridade das galinhas. Ao contrário, a exaltarão como habilidade: *Animal altamente evoluído que ciscava e chocava seus ovos, aguardando o nascimento dos pintinhos, piu, piu – os pintinhos piavam*.

A cafeteira apitando. O café está pronto.

Necessito de esforço máximo para realizar o mínimo: viver, quando me falta espaço nesta vida fossilizada: o carimbo dos meus passos, dos meus ciscos, do homem de Neanderthal. 1856: *um crânio é descoberto no Vale Neanderthal, Alemanha. Com nariz proeminente e grande, este homem viveu em temperaturas extremas de frio. Eram robustos*. A história do homem decifrada por meio de um crânio.

2 Melhor deixar por escrito: quero ser cremada. Não quero que meus ossos sejam pistas daquilo que fui.

Somos concebidos num estupro. A fecundação não é um encontro justo, mas uma batalha entre espermatozoides, milhões deles, numa corrida desenfreada, na qual ganha o guerreiro, o mais forte, aquele que vence os obstáculos, o mais veloz. O óvulo aguarda na primeira porção da trompa de falópio.

Resiste.

Não é fácil perfurá-lo, romper as membranas, penetrar, estuprar o óvulo. O mais nobre dos espermatozoides traz com ele o cromossomo X ou Y. Como se não bastasse a violação do espaço sagrado do óvulo, ele, o espermatozoide espartano, impõe, com sua carga genética, o pinto ou a vagina. E assim, sem pedir licença, atribui a nós a condição de nossa existência num corpo. E, de fato, o corpo é nosso destino. Por ele e nele, nascemos. Por ele e nele, morremos. Vivemos num corpo; mas vivemos o corpo num corpo, ou a imagem dele num corpo? Somos fadados ao corpo; à condição limítrofe que o corpo, como objeto de análise do outro para com seu eu, impõe. Não há escapatória.


É necessário rasgar, dilacerar, aniquilar o corpo para que as marcas expostas anunciem ao mundo que o destinatário de uma genética tão enfraquecida, fruto de um óvulo ressentido, ainda tem um certo controle sobre seu destino. Expor a dor é estender nos varais, ao longo da vida, os pedaços, os retalhos, a carne ferida, a fim de apoderar-se do corpo no corpo, do destino, pela dor e sobreviver.

3 Há a primeira contração. Uma dor que se irradia para as costas, enrijecendo o baixo ventre como uma espécie de corda que aperta sem esganar. O corpo emprestado está mais inflamado e aguarda o despertar do outro corpo que, durante nove meses, fez daquele a sua morada.

As contrações aumentam, e os músculos despertam para aquilo que virá em enxurrada. Mas antes, existe a vontade da mãe, de a mãe querer ser mãe, de o embrião querer ser feto, de o feto querer ser bebê, de o bebê desenvolver mesmo quando a vontade da mãe não é vontade de se ser nada. Então, eu nasci. Começo do fim, do meu começo. Nasce-se morta quando não se tem e, por não se ter, não se é no início. No início, mas não depois. Eu sou aquilo que sou, escolhi, independente da morte da criança quando não encontrou a vida nos braços da mãe. Minto, mas falo a verdade. Também falo a verdade com as minhas mentiras. Maneiras diferentes de existir, sem que uma anule a outra, sem que eu me anule.

A bolsa estoura, a água escorre pelo meio das pernas da mãe e não há nada que ela possa fazer para me segurar, eu venho. Chego às avessas daquilo que se chama nascimento para vida. Nasci para dentro de mim quando não me aceitaram viva, aqui. Quando não se tem fora, vira-se para dentro como uma roupa ao avesso. As contrações aumentam, dilatação total de 9 dedos, 9 dedos de dilatação.


O corpo da mãe não tem a mesma vontade do nascer da filha, mas ela teima e vem de parto normal, rompendo o corpo mumificado da mãe, e nasce grande para uma menina, rosada demais para uma mãe bege. O choro da filha distorce o silêncio da mãe, que, acostumada com a




morte em vida, vê na vida da filha o quanto é morta. A filha nasce morta para fora com a mãe, mas ser morta para fora não é igual a ser morta para dentro.

A morte, como um complemento da vida, uma das formas de existir. A criança quebrará cada vértebra até conseguir se dobrar para enxergar por detrás de seu umbigo a vida. Isso depois, muito depois das contrações da mãe, do parto da mãe, de a mãe constatar que era morta quando a filha nasceu corada demais para uma vida sem cor. A mãe viu o matiz da vida com a cor da filha, não era certo, não deveria ter me mostrado a minha morte em vida, entende, menina prepotente? Quem lhe deu permissão, quem?

O meu início foi, então, como o fim dos outros: meu nascimento foi minha morte.



O era uma vez que não foi, portanto. Recomeço do meu início, do fim do meu nascimento.



Há a primeira contração.

Uma dor que se irradia para as costas, enrijecendo o baixo ventre como uma espécie de corda que aperta sem esganar, então, nasci para fora de mim quando escutei naquele corpo presente, que não era meu, mas o tomei para mim, a vida. O era uma vez que não foi se fez naquela sala de parto quando eu acolhi a bebezinha que nasceu morta para minha mãe. Como se o tempo não tivesse passado, nasci com um outro quando eu já estava há tempo na vida, o que não anula a morte no nascimento.

Enquanto eu não quero morrer nunca mais.

(Quando dormi no “O Quarto Branco”, de Gabriela Aguerre)